

## MEDICINA TRADICIONAL CHINESA, RACIONALIDADE MÉDICA

Daniel Luz<sup>1</sup>

A medicina tradicional chinesa vem se firmando no cenário internacional como uma das mais procuradas alternativas aos tratamentos da medicina convencional. Contudo, esta medicina dita tradicional vem na realidade se formando continuamente: paradigmas anteriores não são eliminados ou superados, mas passam a *orbitar* as idéias mais recentes, guardando destas maior ou menor distância de acordo com o grau de ruptura ou segundo a agenda política do momento. Dessa forma, a medicina chinesa tornou-se uma colcha de retalhos onde coexistem idéias e práticas oriundas de períodos históricos e de paradigmas diferentes. Como o Projeto Racionalidades Médicas, em cujo âmbito foi produzida uma primeira versão deste material, focalizou sua atenção nos serviços da rede pública de saúde do Município do Rio de Janeiro, com seus profissionais, usuários, suas representações de corpo, cura, doença, tratamento, médico, doente, medicina etc., a “medicina tradicional chinesa” de que vamos tratar é a que pode ser encontrada nesses serviços e que se ensina nos cursos de formação disponíveis nas instituições brasileiras de ensino de acupuntura, com certas variações de escola para escola. Não pretendemos em nenhum momento defender que esta medicina chinesa, atualmente conhecida como MTC, seja mais legítima que suas outras versões, mas o fato é que é desta que milhares de pessoas doentes procuram resposta, quando todos os recursos já se esgotaram, e é nesta que milhares de estudantes no mundo todo depositam suas esperanças de melhor atender aos que sofrem. É, portanto, sobre *uma determinada forma* de medicina tradicional chinesa, de estruturação bastante recente, que iremos aplicar o conceito de Racionalidade Médica: a MTC.

A sigla “MTC” tem sido atualmente utilizada para designar especificamente uma versão de medicina tradicional chinesa criada na China pós-revolucionária e difundida para o mundo a partir de grandes centros de estudo e ensino como a Faculdade de Medicina Chinesa de Shanghai, e que enfatiza, como ferramenta de diagnose, o sistema dos “Oito Princípios”, que descreveremos mais à frente. Esse sistema, que procura localizar o adoecimento e, ao mesmo tempo, determinar sua natureza segundo o paradigma do *Yin/yang*, tem como principal competidor no mercado internacional de ensino e prática de acupuntura a escola dos “Cinco Elementos”, que tem como principal expoente no Ocidente a escola do prof. J. Worsley, em Leamington Spa, na Inglaterra (Eckman, P. 1996). Outras formas de medicina tradicional chinesa, que enfatizam outros aspectos da cosmologia,

<sup>1</sup> Daniel Luz é membro do CRAERJ, com registro n° RJ 0049.

diagnose e terapêutica são por vezes chamadas de “Medicina Clássica Chinesa”, “Medicina Tradicional Oriental”, ou “Medicina Tradicional do Leste Asiático” Tais correntes de medicina tradicional chinesa freqüentemente denominam a si mesmas de “verdadeiramente tradicionais” e criticam a MTC como “reducionista” - crítica a qual, em nossa opinião, não é desprovida de mérito: como as doutrinas fundamentais que embasam as diversas formas de medicina chinesa surgiram por volta 2 a.C e refletem, até certo ponto, a visão de mundo de seu tempo, é inevitável que haja áreas de conflito com o pensamento oficial do atual governo chinês. Um exemplo é a que trata dos “espíritos” (SHÉN 神) que habitam o homem, residindo em seus órgãos. Tais conceitos são hoje em dia vistos como “feudais” e representativos do "atraso", o que dá origem a uma revisão dessas doutrinas sob uma ótica marxista: fala-se atualmente em "dialética materialista primitiva do YĪN/YÁNG" (SIVIN, N. 1987), por exemplo. Recomendamos aos estudiosos e praticantes que levem em conta a existência dessa agenda política antes de tomarem a produção atual da China continental como referencial do que é verdadeiro em medicina chinesa. Por outro lado, essa revisão, ela mesma, pode ser vista como um movimento típico do processo de transformação do pensamento chinês. Cada nova dinastia trazia consigo novas moedas, padrões de pesos e medidas, de bitola de rodas de carroça etc, como se a história começasse com ela (mas ao mesmo tempo fundamentando sua legitimidade com releituras convenientes dos clássicos para ganhar o poder ratificador dos ancestrais).

Para a transliteração dos sons do dialeto mandarim, adotei o sistema PINYIN da China continental, sugerindo entre parênteses uma aproximação para leitores de língua portuguesa, por exemplo: *taiji quan* (t'hai dji t'chuan), exceto quando óbvio, como em *yin/yang* ou *Wu* (Uú) *Xing*. Os termos grafados em maiúsculas correspondem a conceitos que, na Racionalidade Médica Chinesa (RMC), possuem uma acepção técnica bastante diversa de seu emprego em linguagem coloquial, como os nomes dos órgãos internos da RMC: Coração, Intestino Delgado, os seis fatores climáticos (Frio, Umidade) etc<sup>2</sup>.

## AS SEIS DIMENSÕES DA RACIONALIDADE MÉDICA CHINESA

A categoria Racionalidade Médica foi criada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Madel Luz em 1991 para estudar sistemas médicos complexos. É uma categoria ideal típica Weberiana que postula indutivamente que um sistema terapêutico complexo, para ser uma Racionalidade Médica, possui necessariamente seis dimensões: uma cosmologia, a própria tessitura cultural com suas imagens e representações de onde emanam e onde se ancoram as demais dimensões; uma morfologia, ou descrição do corpo humano; uma dinâmica vital, conjunto de explicações racionalmente elaboradas sobre o fenômeno da vida humana; uma doutrina médica em que causas, efeitos e definições do adoecer são explicados e repertorizados; uma diagnose desses padrões ou doenças e uma (ou várias, no caso da RMC) terapêutica (Luz, M. 1992). Descrever essas seis dimensões da RMC é o propósito central deste texto.

### Cosmologia da RMC

Muitos autores de RMC, quando querem validar suas idéias, se remetem à uma “tradição chinesa”. Ao fazerem isto estão sendo bem “síncicos”, partilhando do referencial chinês de buscar a validação no passado e na tradição ao invés de no avanço e na modernidade. É uma estratégia, contudo, que cria a falsa impressão de que, de fato, existe uma tradição chinesa, o que não é o caso. O aluno que começa a estudar RMC partindo desse pressuposto se desespera quando chega aos clássicos, sempre citados para corroborar os textos mais recentes mas, muitas vezes, contendo também noções e conceitos aparentemente contraditórios com esses mesmos textos. Existe uma complexa teia de interações, com alguns momentos de afastamento, outros de aproximação, entre várias escolas e tradições que surgiram ao longo da história, ao invés de um grande consenso.

É portanto de um conjunto fundamentalmente heterogêneo que foram selecionados os sete conceitos-chave que constituem a Cosmologia da RMC. São estes: *Dao* (Tao), Céu anterior e Céu Posterior, *taiji*, *qi*, *yin/yang*, *wu xing* e *san cai* (sen ts’hai). Estes sete conceitos e o resultado de suas interações nos parecem fornecer uma base conceitual suficientemente abrangente para ancorar todas as demais dimensões da RMC.

#### Dao

*Dao* é o conceito central do Taoísmo, uma corrente de pensamento chinês que se divide em duas grandes escolas: o *daoia*, chamado de “filosófico” e o taoísmo dito religioso, o *daoiao* (taodjiáo). O primeiro propõe a experiência mística da identificação direta com o *Dao*, enfatizando a meditação e a ação espontânea,

não-premeditada, representada pela noção de *Wu Wei*, o “não-agir”. Seus maiores expoentes são *Laozi*, (Séc.V a.C.?) e *Zhuangzi* (369-286 a.C.). A segunda corrente, representada por diversas escolas, busca a ascensão espiritual que tem como ponto máximo a imortalidade e venera um vasto panteão organizado à maneira de uma repartição pública. Tem como principal cânone o *Daozang*, que em sua edição de 1118 contava com 5.481 volumes (*Dictionnaire de la Sagesse Orientale*, 1989).

O ideograma *Dao* é composto de duas partes: uma significando “cabeça”, e a outra, “pé”. *Dao* pode ser traduzido como “caminho”, “via”, que se segue conjugando ação (pé) e reflexão (cabeça). No taoísmo *daojia*, que tem forte influência na formação dos conceitos da RMC, o *Dao* “é” a origem não-dual do cosmo. Evidentemente, uma vez que precede a dualidade ser/não-ser, não se pode dizer que “seja” a origem disto ou daquilo. É portanto indescritível, posto que qualquer descrição supõe necessariamente a existência de uma dualidade observador/fenômeno. Segundo o Tao Te King (*Daode Jing*):

O Tao que pode ser pronunciado

não é o Tao eterno.

O nome que pode ser proferido

não é o Nome eterno.<sup>3</sup>

O *Dao* é o Princípio primeiro de onde se originam espontaneamente todas as coisas e fenômenos do universo. Nesse sentido, é assemelhado a uma mulher, fonte da vida humana:

O Espírito do vale não morre nunca;

ele é a mulher misteriosa.

A porta da mulher misteriosa

é a raiz do Céu e da Terra.

Ininterrupta, assim como perpétua,

ela age sem esforço.<sup>4</sup>

É assemelhado à vacuidade:

Trinta raios cercam o eixo

a utilidade do carro consiste no seu nada.

Escava-se a argila para modelar vasos:

a utilidade dos vasos está no seu nada.

Abrem-se portas e janelas para que haja um quarto:

a utilidade do quarto está no seu nada.<sup>5</sup>

Apesar de misterioso, profundo e inenarrável, o *Dao* pode ser experimentado diretamente pelo Homem. Para tanto, o taoísmo filosófico preconiza a realização pessoal da unidade com o *Dao*, que se obtém na simplicidade e, sobretudo, da prática da ação não-intencional, espontânea e livre de desejo de sucesso ou medo de fracasso representada pelo conceito de *Wu Wei* (Uú Uêi), a “não-ação”:

Ch’ui o projetista

Sabia desenhar círculos mais perfeitos a mão livre

Do que a compasso.

Seus dedos traziam

Formas espontâneas do nada. Enquanto isso, a mente

Mantinha-se livre e despreocupada,

Com o que estava fazendo

Nenhuma aplicação era necessária

Sua mente era inteiramente simples

E não conhecia obstáculos.<sup>6</sup>

O conceito de *Dao* fundamenta a idéia chinesa de saúde, vista como uma “ordem vital”: Esta seria menos um “equilíbrio” do que um padrão ou uma configuração de processos interligados num constante fluxo que naturalmente muda de matiz para se adaptar as mutações naturais do Céu e da Terra. Este padrão cambiável da ordem vital mantêm a vida com bem-estar físico e temperança nas emoções e com a perspectiva de viver-se todos os anos possibilitados pela sua herança vital, sem decrepitude ou sofrimento.

A reflexão chinesa sobre o homem nunca é feita dentro de um referencial puramente subjetivo: o homem sempre está referenciado ao Céu e a Terra e também, com freqüência, ao Estado. Assim, o *Dao* é também a via correta que os

cidadãos e os governantes devem seguir para a prosperidade e ordem do reino (e, por extensão, para manter a saúde individual):

Vejo quão grande é tua virtude, e quão admiráveis tuas vastas realizações. A escolha específica do Céu recai sobre ti; eventualmente deves assumir o trono do grande soberano. A mente das gentes está inquieta e fadada ao fracasso, e seu desejo de seguir o *dao* é pequeno. (*Shujing*)<sup>7</sup>

Se na morfologia da RMC veremos que o corpo é visto como um micro-estado, em que centros urbanos e grandes celeiros (os órgãos e vísceras) trocam suas riquezas e produção específica através de hidrovias (os Canais), é natural que haja um administrador desse Estado. Essa noção representa uma ruptura com as tradições anteriores, em que o bem-estar da comunidade bem como do indivíduo estava condicionado aos caprichos de entidades sobrenaturais. Agora, a própria pessoa passa a ser responsável pelo gerenciamento do Estado do seu ser. Esse gerenciamento tem sua eficácia ligada à idéia de seguir o *Dao* o que, na concepção confucionista da expressão, é feito através da observação da moderação na conduta e rejeição dos excessos.

Uma vez que este é indescritível e inenarrável, “seguir o *Dao*” equivale na prática a “seguir o *yin/yang*”, que é a forma pela qual o mistério do *Dao* se revela no mundo:

Seguir o *yin/yang*, eis a vida. Contrariá-los, eis a morte. Segui-los é a cura [é legislar],

Contrariá-los é o caos (...)(*Neijing*)<sup>8</sup>

O fato de a palavra *zhi* (dj^h) significar tanto “curar” quanto “legislar”<sup>9</sup> e de que a expressão “caos”, utilizada para sublevações e perturbações no reino, seja utilizada para aludir à doença individual, ilustra mais uma vez como, no imaginário médico chinês, as idéias de cuidar da saúde e gerir o Estado estão imbricadas.

### Céu Anterior e Céu Posterior

“Céu Anterior” é uma expressão encontrada primeiramente no Clássico das Mutações, o *Yijing* (I Ching). Um dos mais famosos livros de sabedoria chinesa, traduzido para virtualmente todos os idiomas, o *Yijing* representa o *yin* por uma linha descontínua e o *yang* por uma contínua, que se reúnem em oito grupos de três linhas (os trigramas básicos) de cuja combinação dois a dois resultam 64 hexagramas que, corretamente interpretados, apontam a natureza original e o desenvolvimento futuro de qualquer situação. Sua primeira compilação provavelmente data do período de

transição entre as dinastias Shang e Zhou (circa XI a.C?).

No *Yijing*, Céu Anterior é o estado que precede o surgimento do universo manifesto, e Céu Posterior é o mundo das manifestações e dos fenômenos, referidos na tradição taoísta como “dez mil seres”. O Homem vai procurar no Céu Anterior a origem das situações, no Céu Posterior, encontrará seu desenlace. Note-se que quando falamos em “Céu Anterior” estamos construindo uma relação dual com “Céu Posterior” - um pressupõe o outro. Já a noção de *Dao* não possui um oposto, já que não existe nada fora (ou dentro) dele.

Na RMC essas noções estão relacionadas às propriedades inatas e às propriedades adquiridas. No momento anterior à fecundação, temos o Céu Anterior representado pelas potencialidades de manifestação da nova vida, limitadas pelas características dos genitores (Rochat de la Vallée, E. et al. 1979). No momento da fecundação é dado o impulso organizador característico daquele ser, tanto em sua dimensão racial e genérica quanto individual. Esse impulso inicial estabelece um dos mais importantes aspectos da vitalidade humana na RMC: o *qi* original *yuan qi* (luén Tchi). Criado no momento da concepção, O *qi* original tem a incumbência de gerenciar as influências do Céu e da Terra, organizando a fisiologia vital de acordo com o que foi conformado na fusão das essências do pai e da mãe.

### Taiji

*Taiji* pode ser traduzido como “Cumeeira Suprema”, “Ápice Máximo” ou “Viga Mestra”. É representado no *taiji du* (t’hai dji tú), o “Diagrama do *Taiji*”, o símbolo dos dois peixes que atualmente consiste num dos objetos favoritos de predação do marketing, ao lado do Ohm indiano. O *taiji* é a linha que, naquele diagrama, ao mesmo tempo define, une e divide *yin* e *yang*, sem que se possa dizer que pertença a um ou a outro. O *taiji* caracteriza a natureza polar de nosso universo e estabelece que entre os pólos existe um movimento contínuo de emergência, crescimento, plenitude e decréscimo, numa alternância gradual e harmoniosa entre *yin* e *yang*. O *taiji* é a “mãe do *yin/yang*”, que é a expressão do movimento fluido que caracteriza o *Dao*. Assim, o *taiji* é o eixo através do qual o *Dao* vai encontrar sua expressão tangível:

O *Dao* pare o Um

O Um pare o Dois

O Dois pare o Três

O Três pare as Dez Mil Coisas (Tao Te King)<sup>10</sup>

Ou seja: do *Dao* vem o *taiji*, o eixo supremo; o *taiji* supõe o dois (o *yin/yang*), o qual por sua vez gera o trinômio Céu (*yang*) / Homem (*yin/yang*) / Terra (*yin*). É da interação do Céu com a Terra, no plano intermediário, que surge a multiplicidade das coisas.

### Qi

Literalmente, “os vapores que emanam do solo (ou da fermentação do arroz) em direção ao céu”<sup>11</sup>. Muitos autores no Ocidente e no Oriente equivocadamente traduzem esse conceito por “energia”. Se tivéssemos que utilizar um termo em português para traduzir “qi” - algo talvez indesejável - me parece melhor a expressão “Sopro Vital”, uma vez que, em mandarim, a palavra *qi* compõe palavras como ar (*kongqi*), gás (*qiti*), fragrância (*xiangqi*), traquéia (*qiguan*) e está ausente de conceitos ocidentais de energia como eletricidade (*dianliu, dianneng*), magnetismo (*cixue*), gravidade (*diqui yinli*) e energia atômica (*yuanzi neng*). Seu fluxo desloca a matéria (a agitação do *qi* do Fígado é chamado de “Vento Interno”, e provoca tremores no corpo); em exercícios chineses como o *taiji quan* o *qi* pode ser levado a se condensar para enriquecer a medula óssea, num processo semelhante à condensação do vapor d’água; a RMC identifica a fraqueza da voz com insuficiência de *qi*; os *qi gong* (tchi cûn), treinamentos chineses do *qi*, geralmente têm na respiração um elemento fundamental.

Na Cosmologia da RMC, aspectos, polaridades ou modalidades do *qi* são o *yin/yang* e as Cinco Fases, que surgem da divisão do *qi* primordial:

“Quando o Céu e a Terra ainda estavam misturados, nada existia além do Um indiferenciado. Esse Um foi dividido; assim nasceram o *yin* e o *yang*. Aquilo que recebeu o *yangqi* ascendeu, claro e leve, e tornou-se o Céu. Aquilo que recebeu o *yin qi* se aprofundou, sombrio e pesado, e tornou-se a Terra. E aquilo que recebeu tanto o *yin qi* quanto o *yang qi* e se mostrou justo e equilibrado foi o Homem.” (Baopuzi)<sup>12</sup>

É o *qi* que mantém a vida; sua circulação é vista como essencial para a manutenção da saúde:

“O Homem está no *qi* e o *qi* está no Homem. O Céu, a Terra, os Dez Mil Seres, todos necessitam do *qi* para se manter vivos. O Homem que se dedica a fazer circular seu *qi* preserva sua pessoa e afasta de si todo o mal que poderia lhe ferir.”(Baopuzi)<sup>13</sup>

### Yin/yang

São os dois pólos que, ao se oporem, se complementarem e se definirem mutuamente pela ação do *taiji*, caracterizam a natureza cíclica e dual do universo.

Toda e qualquer coisa ou evento pode ser concebida como um estado particular de *yin/yang*, sempre de forma relativa. Podemos fazer algumas associações ilustrativas:

Tabela 1

<i>Yin</i>	<i>yang</i>
implícito	explícito
curva	reta
absorver	expelir
recolher	expandir
forma	idéia
norte	sul
noite	dia
escuro	claro
frio	quente
água	fogo
preto	vermelho
inverno	verão
baixo	alto
ventre	dorso
feminilidade	masculinidade
“vísceras maciças” : <i>zang</i>	“vísceras ocas”: <i>fu</i>
Sangue	<i>qi</i>

Se *yin* e *yang* se alternam, há harmonia e saúde. Se o círculo se imobiliza, levando ao predomínio exagerado de um sobre o outro, sobrevêm o caos, o adoecimento.

A interação de *yin/yang* gera as Cinco Fases *wu xing*.

### *Wu Xing*

A teoria das Cinco Fases ou dos cinco movimentos, cuja formulação é

atribuída a *Cou Yen* (Ts'hou Ién, 350-270 a.C.) postula que todos os fenômenos naturais correspondem a uma de cinco faixas associativas: Madeira, Fogo, Terra, Metal e Água.

Tabela 2

Estação		Fogo	Terra	Metal	Água
P o ñ t o	leste	verão	centro	outono	inverno
Cardeal		sul		oeste	norte
		meio-dia	tardinha	poente	m e i a
sabor	ácido/	amargo	doce	picante	noite
cor	azedo	vermelho	amarelo	branco	salgado
f a t o r	verde-				
climático	azulado	calor e	umidade	secura	frio
tecidos	vento	fogo	tecido	pele e	ossos
d o		vascular	conjuntivo e	pêlos	medula
homem			músculos		e
órgão	olhos	língua	boca	nariz	cérebro
d o s					ouvidos
sentidos					
Zangfu		Coração/	Baço <sup>5</sup> /	Pulmão/	R i n s
		Intestino Delgado	Estômago	I n t e s t i n o	Bexiga
		e		Grosso	
		“Príncipe			
		do Coração”/			
		“ T r i p l o			
		Aquecedor”			
Emoção		alegria/	reflexão/	r i g o r /	
		hiper-	obsessão	tristeza	
		excitação			

No tocante à posição da Terra no ciclo sazonal, os autores divergem: a MTC defende que a terra possui uma estação própria, a canícula ou *Chang Xia* (lit. “verão longo”), que se situaria ao final do verão. É a época de chuvas, momento em que o ciclo de plantio e colheita era definido, estando em jogo a própria sobrevivência das comunidades. Contudo, há uma corrente que se fundamenta no *Neijing* para afirmar que a terra não preside uma estação própria, recebendo ao final de cada estação 18 dias de comando (Eyssalet, J.M., 1988).

Essas Cinco Fases estabelecem uma série de relações ou ciclos entre si. Os

principais ciclos naturais, que explicam os fenômenos vitais do corpo humano são os ciclos de geração (*Sheng*) e de restrição (*Ke*). O ciclo de geração postula que a Madeira alimenta o Fogo; o Fogo (através das cinzas) nutre a Terra; a Terra gera o Metal; o Metal, se liqüefazendo, gera a Água; a Água alimenta a Madeira. No ciclo de destruição, bem como nos ciclos doentios de encontramos a idéia de restringir: a Madeira fura a Terra (como as raízes); a Terra represa a Água; a Água apaga o Fogo; o Fogo derrete o Metal; o Metal corta a Madeira. Os ciclos desarmônicos de supradomínio e contradomínio estão ligados ao excesso de atividade de uma fase: no primeiro, o elemento restritor torna-se excessivo e passa a destruir em vez de apenas moderar. No segundo, a fase moderada (por exemplo, a madeira em relação ao metal) torna-se excessiva e passa a agredir seu moderador.

É sempre bom lembrar que estamos tratando da apresentação contemporânea da MTC. Historicamente, as escolas do *yin/yang* e das Cinco Fases se opunham. Quando da consolidação do confucionismo como doutrina social ortodoxa da China imperial, e a conseqüente elevação da escola das Cinco Fases à condição de medicina oficial, a escola do *yin/yang* acabou por “explicar” a existência de Cinco Fases - seja dividindo-se uma delas (o fogo) em duas - fogo príncipe e fogo-ministro - obtendo assim seis elementos, distribuindo três fases para o *yin* e três fases para o *yang*, seja atribuindo a neutralidade a uma delas - a Terra, considerada “central” -, distribuindo as quatro restantes entre *yin* e *yang*. (Unschuld, P., 1985).

### San Cai

Traduzido normalmente por “Três Poderes” ou “Três Instâncias”, refere-se ao trinômio Céu-Homem-Terra. Como já vimos, o Céu forma-se pelo acúmulo de *yang*; a Terra, pelo acúmulo de *yin*. O Homem faz a ligação entre os dois, sempre buscando acompanhar as trocas de suas influências (Rochat de la Vallée, E. et al. 1979). Recebe do Céu o ar, a luz e as qualidades sutis ou “espíritos” (*Shen*<sup>16</sup>) que nele residem nos cinco *zang*; da Terra a substância, a essência vital e o sabor dos alimentos, que vão tecer o espaço material em que se passam as atividades vitais.

As demais categorizações (*yin/yang* e Cinco Fases), ao se superporem à noção de *San Cai*, vão possibilitar o estabelecimento de relações de correspondência entre essas três esferas: aquilo que no Céu é o Vento, o leste é a cor verde, na Terra é a Madeira e o sabor ácido, e no Homem é o Fígado, a visão, os tendões, a raiva, a iniciativa viril.

### **Em resumo...**

O universo dual origina-se na vacuidade inescrutável, não-dual, que é o *Dao*. O *Dao* vai se valer do *taiji* para gerar a expressão tangível de sua natureza, o reino da dualidade, dividido entre *yin* e *yang*. O acúmulo de *yang* dá origem ao Céu. O Acúmulo de *yin* dá origem à Terra. Entre Céu e Terra caminha o Homem, harmonizando em si as influências dos Sopros Celestiais e Terrenos. O desdobramento de *yin/yang* gera as Cinco Fases, que compõem e caracterizam todas as coisas e movimentos - os Dez Mil Seres. A normalidade (prevenção ou cura) se consegue harmonizando a dinâmica do Homem com as dinâmicas do Céu e da Terra, pressupondo uma ordem vital em constante movimento, nunca “equilibrada”.

(Endnotes)

- 1 Professor de T'ai Chi Ch'uan, Técnico em Shiatsuterapia, coordenou a equipe de medicina tradicional chinesa do Projeto Racionalidades Médicas do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), entre 1993/1997.
- 2 Uma primeira versão de parte deste texto foi publicado sob o no. 72 da Série Estudos em Saúde Coletiva, IMS/UERJ.
- 3 Lao Tzu, *Tao-te King, o Livro do Sentido e da Vida*. Ed. Pensamento, São Paulo, p.37.
- 4 Idem, pag.42.
- 5 Ibid. pag.47.
- 6 Merton, Thomas: *A Via de Chuang Tzu*, Ed.Vozes, Petrópolis, 1965, p.146.
- 7 *Shujing*, parte II, livro 2, cap.2. in: Palmer, Martin: The Elements of Taoism, Element, Dorset, 1991.
- 8 *Huangdi Neijing So Wen*, cap.2, in: Unschuld, Paul: Introductory Readings in Classical Chinese Medicine, Kluwer Academic, Londres, 1988, pag.11. Tradução nossa.
- 9 Lamentavelmente, perdeu-se a etimologia deste ideograma. Akahori Akira, contudo, acredita que seja um erro de transcrição da palavra *ye*, muito semelhante, que significa “derreter metal”, que aparece freqüentemente nas receitas médicas da dinastia Han. Aparentemente a palavra significava “pulverizar em pó fino” os ingredientes provavelmente com um martelinho de metal. Como no final dos Han Posteriores essa prática caiu em desuso, sendo substituída pelo uso de peneiras finas, um erro de copista não foi corrigido porque ninguém sabia mais o sentido do outro ideograma.
- 10 Tse, Lao: Tao Te King, o livro do sentido e da vida. Hemus, S/D, São Paulo, pag.102.
- 11 Wilder, G.D e Ingram, J.H *Analysis of Chinese Characters*, Dover, Nova York, 1974, pag.18.
- 12 Ko Hung, Baopuzi (séc III-IV d.C), in: *Dictionnaire de la Sagesse Orientale*, Robert Laffont, Paris 1989, pag.109.
- 13 Ko Hung, op.cit., p.109.
- 14 Neste ponto, os autores divergem: uma corrente defende que a terra possui uma estação própria, a canícula ou *Chang Xia* (lit. “verão longo”), que se situaria ao final do verão. É a época de chuvas, momento em que o ciclo de plantio e colheita era definido, estando em jogo a própria sobrevivência das comunidades. Outros autores, como Eyssalet, baseiam-se no *Neijing* para afirmar que a terra não preside uma estação própria, recebendo ao final de cada estação 18 dias de comando.
- 15 Subentenda-se “Baço - Pâncreas”, que em MTC compõem um *Zangfu* único.
- 16 “Espíritos” (?), às vezes traduzidos como “mônadas”, “almas vegetativas” ou “Entidades Viscerais”. Representam aspectos do psiquismo, estando relacionados aos sonhos, à memória, à vontade, ao instinto e à cognição.